

Telejornalismo e Comunicação Dialógica: A Possibilidade do Exercício da Cidadania em Grande Escala¹

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior²

Heitor Costa Lima da Rocha³

Fabiana Cardoso de Siqueira⁴

Resumo: Realizamos neste trabalho uma reflexão sobre o papel ocupado pelo Jornalismo na construção social da realidade e a sua relação com a audiência comunicativa (SAPERAS, 2000), cada vez mais ativa no processo de coprodução das notícias. Abordamos também as implicações éticas deste novo cenário de ampliação significativa das fontes e versões no campo jornalístico. Neste sentido, as relações de confiança e a função desempenhada pelos jornalistas televisivos na construção da noção de real, na construção de mundos possíveis e na produção de conhecimento necessário ao posicionamento consequente das pessoas nas suas atividades práticas cotidianas são abordadas como dimensões da mediação articulada pelo jornalismo nas discussões públicas para legitimação da ordem institucional ou a sua contestação.

Palavras-chave: Telejornalismo; Cidadania; Construtivismo.

Introdução - O telejornalismo e participação do cidadão

Por mais que a internet e a venda de computadores tenham avançado, a televisão ainda é o bem durável mais presente nas casas dos brasileiros. Prova disso é o que aponta a última Síntese de Indicadores Sociais, do IBGE (2011), que analisou as condições de vida da população brasileira. O estudo apontou que o aparelho de televisão em cores era o equipamento eletrônico mais presente nos domicílios particulares permanentes urbanos, pois foi encontrado em 97,2% dos lares. Se comparado com outros eletrodomésticos, superava até a geladeira que estava presente em 96,1% das casas. A proporção de

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social e coordenador do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Contemporaneidade do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: a.vizeu@yahoo.com.br

³ Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social e membro do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Contemporaneidade do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: hlrocha@gmail.com

⁴ Bolsista da Capes, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)/Universidade Complutense de Madrid. E-mail: fabiana_s@yahoo.com

residências com computador ainda era pequena se comparada com os demais indicadores, pois alcançava 39,3%. Desses, apenas 31,5% dos domicílios contavam com internet.

É evidente que esses números mudam a cada dia e que a venda de computadores, de *tablets* e de celulares com acesso à internet também têm aumentado, mas isso não quer dizer que as pessoas tenham deixado de ver televisão. O que atesta isso é uma pesquisa feita, nos Estados Unidos, pela Consumer Electronics Association (CEA, 2011). A constatação foi de que a televisão continua sendo o equipamento mais utilizado para assistir a vídeos. De acordo com os dados, 93% dos americanos usam a televisão para ver TV, seguida por 49%, que também utilizam computadores.

A televisão não acabou como previa Perez de Silva (2002), que em 2002 havia decretado a “morte” da TV como a conhecemos por conta do avanço da internet. Perez de Silva (2002) acreditava na migração das televisões para a internet, o que não ocorreu da forma como o autor imaginava.

O que de fato aconteceu foi o crescimento das redes sociais e também de portais de compartilhamento de vídeos, como o *Youtube*, que hoje sociabilizam conteúdos feitos por cidadãos e também muitos programas exibidos previamente na televisão. No *Youtube*, por exemplo, podem ser encontrados telejornais do mundo todo reproduzidos na íntegra ou parcialmente.

Os desafios da profissão de jornalista televisivo

De fato, o telejornalismo tem passado por muitas transformações. Sofreu e ainda sofre a influência de outros meios de comunicação e não apenas disso, mas também do contexto onde está inserido, das mudanças sociais, da evolução tecnológica.

A forma encontrada pelos jornalistas para contar as notícias na televisão, hoje, não é a mesma de sessenta, cinquenta, vinte, dez anos. Isso é evidente ao observarmos o telejornalismo brasileiro, por exemplo. Das notícias lidas quase sem imagens no surgimento da TV em 1950, passamos para o videoteipe com as facilidades de edição e depois para o uso de recursos visuais de informática e, por fim, ao processo de digitalização.

Na atualidade, há uma nítida convergência entre a internet, televisão e telefonia móvel (CEBRIÁN HERREROS, 2004). Os portais das emissoras de televisão na internet servem como um complemento, como outra forma de ver as notícias e de fazer com que o público participe. Nos recursos gráficos e cenários virtuais usados na TV, é possível perceber a proximidade que se tenta criar entre esses dois universos. Com a telefonia móvel

ocorre o mesmo e há uma interação que tem aumentado: o envio de imagens feitas por celular ou outras tecnologias.

Apesar de todas essas mudanças, será que a forma como os jornalistas televisivos reconstróem a realidade também sofreu alterações? Podemos dizer que, de certa forma, sim. Os cidadãos se tornaram também coprodutores (VIZEU, SIQUEIRA, 2009), participando da construção da notícia. O processo de reconstrução da realidade passou a ser compartilhado, exigindo um rigor ético maior na seleção das notícias e das imagens.

Muitos profissionais desse campo têm cometido erros porque não colocaram a devida atenção nisso. Um dos casos mais recentes foi o uso de uma foto do ex-chefe da Al-Qaeda, Osama Bin Laden, que se afirmava ter sido feita logo depois dele ter sido morto pelos militares americanos. A imagem reproduzida por vários veículos de comunicação não passava de uma montagem realizada a partir de uma foto antiga de Bin Laden (ESTADÃO, 2012). Isso causou uma grande confusão, pois a farsa se espalhou rapidamente, até que foi corrigida pelos meios de comunicação, que admitiram o erro.

Metelski (1992, p.5) ressalta que é preciso ter cuidado na apuração antes de publicar qualquer cena, pois há um risco muito grande do jornalista ser manipulado.

Por ejemplo, hay activistas políticos, religiosos o ecológicos que pueden preparar un acontecimiento para grabarlo en vídeo y promocionar así su causa. Sin un director de informativos no discrimina y selecciona las imágenes puede emitir una noticia por su valor visual sin haber considerado su valor informativo. En tales casos, la emisora de televisión – y sus espectadores – habrían sido engañados por un manipulador (MATELSKI, 1992, p. 75).

Matelski (1992) fez esse alerta muito antes da internet ser o que é hoje e de que os cidadãos tivessem o acesso, que possuem atualmente, às tecnologias de gravação de imagens digitais.

No entanto, acreditamos que não é só pela facilidade tecnológica que as pessoas registram, cada vez com mais frequência, a realidade da vida cotidiana por meio de celulares e câmeras digitais. É também uma tentativa de aproximar o mundo que está ao alcance delas, do que está visível para elas e para os outros na internet, no celular e na televisão.

Dentro desse ponto de vista, o sujeito assume o papel de agente, pois não é apenas um espectador, conforme relata a seguir Sábada (2008, p. 40):

El sujeto es creador de la realidad social, no mero espectador o transmisor, sino que crea con cada una de sus interpretaciones el mundo social. La realidad social se apoya en la intersubjetividad, de modo que las interpretaciones de cada persona configuran nuevos significados con los que el resto de las personas se manejan también en el mundo, en una interacción continua. Los nuevos significados al llegar a su *reificación* o cosificación, son ‘reutilizados’ por otros en la creación de un contexto coherente, que configura, en palabras de Peter Berger y Thomas Luckmann, ‘la vida cotidiana’ (SÁBADA, 2008, p. 40).

Sob a perspectiva dos meios de comunicação e do jornalismo, esse aumento da participação dos coprodutores no jornalismo possui outro impacto. De acordo com Kirschinhevsky, Iorio y Vieira (2011, p. 21), “vivenciamos a coexistência de um modelo de gestão de informação verticalizado e hierarquizado, paralelo ao surgimento de uma comunicação transversal e dialógica”. Passamos “de uma mídia massiva para uma mídia distribuída marcada pela possibilidade de exercício da cidadania em grande escala”. Ou seja, “diferentes grupos de pessoas vão a quase qualquer parte em busca tanto de experiências de entretenimento e consumo quanto de apropriação”.

Os autores citados acima também enfatizam que apesar das pessoas não terem mais a mesma “necessidade da imprensa como antes, porque estão disponíveis muitos outros canais de informação”, há outro aspecto que deve ser observado. Os cidadãos não deixam “de precisar de uma informação profissional e confiável sobre os acontecimentos que merecem ser conhecidos quando ajudam a compreender e a melhorar a sociedade na qual vivemos” (KISCHINHEVSKY; IORIO; VIEIRA, 2011, p. 25).

É nesse contexto que se salienta a valorização do papel dos jornalistas profissionais. O jornalista é visto como um especialista no tratamento das informações, ou seja, “um observador de agentes que protagonizam determinados acontecimentos no mundo da vida” (CORREIA, 2005, p. 136) e “a realidade passa a ser uma construção, um produto de uma actividade especializada, dependendo, em grande parte, das práticas produtivas das profissões ligadas às produções mediáticas, designadamente a profissão jornalística” (CORREIA, 2005, p. 132).

Relação de confiança e telejornalismo construtivista

É ainda dentro dessa perspectiva que acreditamos que o jornalismo se transforma com o que chamamos de sujeito ativo, comunicação ativa, participativa, público participante, que hoje se coloca como um novo desafio para o campo profissional, estabelecendo com os jornalistas o que denominamos de relações de cumplicidades.

A centralidade da confiança como mostra Luhmann (2005) é básica para a sobrevivência do homem na contemporaneidade. Segundo o autor, as pessoas de uma forma ou de outra devem assumir que a orientação do outro, de alguma maneira, está relacionada com a verdade. A complexidade faz parte do mundo que vivemos e só podemos ter acesso a ela, compreende-la, se for simplificada e reduzida. Ou seja, temos que ser capazes de entender e depender da informação de outras pessoas e instituições.

O exemplo de Luhmann (2005) sobre o tema é esclarecedor. Segundo o autor, os outros sabem como arrumar o motor do meu carro; tratar a minha gastrite, etc. Com relação aos noticiários, coloca uma questão interessante. De acordo com Luhmann (2005), pode-se desconfiar dos diários, mas se confia que notícias ainda são notícias. Isso de certa forma explica esse lugar de referência do telejornalismo (de reserva e produção de sentidos, de referência para homens e mulheres nas sociedades complexas como a nossa, onde se verifica uma perda de sentido na modernidade). Há uma relação de confiança.

Com isso, não estamos dizendo que as pessoas se acomodam e concordam com tudo que ocorre num telejornal. Como todo o material apresentado é significado e ressignificado, toda a notícia que for de encontro ao ambiente social e cultural da audiência resultará num incômodo psicológico e/ou social que fará com que a pessoa não compartilhe com o que vai ao ar na televisão.

Outro aspecto importante lembrado por Luhmann (2005) é que a familiariedade é uma pré-condição para a confiança como também para a desconfiança. “Perspectivas perigosas como também propícias requerem uma certa familiariedade, um caráter típico construído socialmente de modo que seja possível acomodar-se mesmo ao futuro de uma forma confiada ou desconfiada” (LUHMANN, 2005, p.32).

A observação do autor é interessante, pois nos permite chamar a atenção para o fato de que, quando tratamos o telejornalismo como um lugar de referência, consideramos que tanto a questão da segurança e quanto o da insegurança fazem parte desse lugar. O que o noticiário televisivo pode contribuir é no sentido de explicar, esclarecer e orientar diante da complexidade do mundo.

Nesse processo, podemos dizer que o telejornalismo contribui para a construção do real tomando por base os chamados mundos “real”, de referência e possível propostos por Alsina (2005). O mundo real é o mundo dos fatos e acontecimentos. O Jornalismo interpreta a realidade social para que as pessoas possam entendê-la, adaptar-se a ela e modificá-la.

Tendo como pressuposto que o Jornalismo trabalha com o mundo real, cuja referência é a realidade, no complexo processo de produção da notícia, os jornalistas vão trabalhar uma série de enquadramentos dos acontecimentos, não como soberanos dos fatos jornalísticos, mas como parte de um processo muito maior do que eles, a partir da cultura profissional. Neste trabalho não distinguimos fatos de acontecimentos, acompanhando de certa forma a perspectiva de Gomis (1991) que vê na expressão acontecimento mais um tratamento solene para os fatos. É o chamado mundo de referência.

Dentro desse contexto, vão influir uma série de práticas, procedimentos e discursos que estão envolvidos no trabalho diário dos jornalistas a partir da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens que buscam interpretar a realidade social. O trabalho que os profissionais realizam nas suas práticas sociais diárias resulta em construções que, no jargão jornalístico, podem ser chamadas de notícias (VIZEU, 2005).

O mundo possível, longe de ser um lugar comum, é um conceito que consideramos básico para o esboço de uma teoria construtivista do Jornalismo.

O mundo possível é o mundo narrativo construído pelo sujeito enunciador a partir dos outros mundos citados. Si no “mundo real” se produzia a verificação e no mundo de referência se determinava a verossimilhança, no mundo possível se dá a busca de persuasão por meio dos argumentos. O enunciador deve fazer parecer verdade o mundo que constrói (ALSINA, 2005).

É dentro desse contexto que podemos dizer que o Jornalismo é uma forma de conhecimento. Um dos primeiros pesquisadores a trabalhar essa perspectiva foi Park (1972). Com base no pensador William James, um dos principais representantes do pragmatismo, movimento filosófico que exerceu profunda influência no pensamento americano durante parte do século XX, existem dois tipos fundamentais de conhecimento: *o conhecimento de* e *o conhecimento acerca de*.

Grosso modo, o autor explica que o *conhecimento de* é uma espécie de conhecimento que adquirimos no curso dos nossos encontros pessoais e de primeira mão do mundo que nos rodeia. Já o *conhecimento acerca de* é formal. É o conhecimento que atingiu um certo grau de precisão e exatidão substituindo a realidade concreta por idéias e as coisas por palavras.

Genro (1977), num interessante trabalho, fundamental para quem quer pensar o

jornalismo como uma *forma social de conhecimento*, apesar de reconhecer a contribuição de Park, critica seus pressupostos teóricos afirmando que ele não vai além da função orgânica da notícia e da atividade jornalística. No entender dele, a postura assumida por Park é redutora porque supõe uma espécie de *sensu comum* isento das contradições internas, cuja função seria somente reproduzir e reforçar as relações sociais vigentes, integrar os indivíduos na sociedade.

Com base no referencial teórico de Genro, Meditsch (1992) argumenta que o conhecimento do jornalismo é diferente do conhecimento da ciência. Enquanto o primeiro é o modo de conhecimento do mundo explicável, o segundo é o modo de conhecimento do mundo sensível. A Ciência trabalha com hipóteses, enquanto o Jornalismo trabalha com o universo das notícias que diz respeito às aparências do mundo.

Ao nível metodológico isso resulta em diferenças importantes. A hipótese está relacionada como a experimentação controlada. É um corte abstrato na realidade através do isolamento de variáveis que permita a obtenção de respostas a um questionamento baseado em conhecimento anterior. A teoria científica expõe uma relação entre fatos e a partir dela surgem novas deduções através da lógica (MEDITSCH, 1992).

De acordo com Meditsch (1992), o Jornalismo, por sua vez, não parte de uma hipótese, mas de uma *pauta* (agenda de assuntos que podem virar notícia). A pauta, diferentemente da hipótese, não surge de um sistema teórico anterior, mas da observação não controlada (do ponto de vista da metodologia científica). Na pauta o isolamento das variáveis é substituído pelo ideal de aprender o fato dos mais diversos pontos de vista. Isso determina o limite da abstração possível no modo de conhecimento do Jornalismo e sua possibilidade de acumulação. O conhecimento produzido pelo jornalismo é de fundamental importância para a sociedade.

Consideramos que as notícias produzidas nas empresas de comunicação são relevantes para as audiências porque contribuem para entender o cotidiano cada vez mais complexo e de difícil acesso, bem como supõe efeitos concretos em relação com a percepção que elas estabelecem entre os temas da agenda e a construção do espaço público. A informação jornalística funciona então como uma ferramenta para a inserção na socialização cotidiana.

Quando nos referimos a complexidade não estamos tratando das teorias da complexidade e nem do pensamento complexo (MORIN, 2006), mas da origem etimológica da palavra do latim *complexus*; ou seja, algo confuso, complicado (MELUCCI, 2001).

Estamos nos referindo a um mundo fragmentado e atomizado, em que não há mais valores em comum, em que a velocidade do crescimento populacional, da migração, do crescimento desordenado das cidades e da economia de mercado contribui para desorientação de homens e mulheres na modernidade.

Entendemos que essa atividade de informação, esclarecimento e explicação sobre o mundo que nos cerca é o que denominamos de redução da complexidade. O telejornalismo, ao interpretar a realidade social, contribuiria para tornar o mundo mais compreensível para homens e mulheres. É claro que não podemos ser ingênuos em acreditar que essa seja a preocupação da maioria das empresas jornalísticas que trabalham dentro da lógica moderna.

No entanto, por exemplo, isso não impede que reportagens veiculadas nos telejornais possam ter essa preocupação. Não compartilhamos da perspectiva conspiratória de que o jornalismo, em particular o televisivo, só reforça o *status quo*. Com certeza tem um forte papel nesse sentido, mas defender uma onipotência do jornalismo que dominaria corações e mentes é, no nosso entendimento, reduzir o lugar de conflito e tensional do campo jornalístico bem como subestimar a audiência ativa que significa e ressignifica os conteúdos apresentados e não é uma caixa vazia.

Sponholz (2007) propõe um conhecimento híbrido do Jornalismo que ficaria entre o senso comum e a ciência. Para a autora, o senso comum não se reduz só às ações cotidianas. É uma espécie de conhecimento “naturalizado” de determinado fato, de certo procedimento: é assim porque sempre foi assim, não há porque questioná-lo.

Nesse sentido o senso comum é muito próximo do que Schultz (2003) chamava de atitude natural. Grosso modo, a atitude natural é a suspensão da dúvida. Por exemplo, quando nos levantamos não ficamos nos questionando se vamos morrer. Quando estamos dirigindo um carro não ficamos também nos questionando se o veículo que vem na direção oposto vai bater em nós. É isso que nos mantém vivos, senão a vida seria insuportável, estaríamos nos questionando o tempo todo e não saberíamos como proceder em situações do cotidiano.

Sponholz (2009, p. 114) vê semelhanças entre os métodos científicos e jornalísticos: “Os temas a serem pesquisados e investigados precisam ser delimitados em ambos, para que a investigação ou a pesquisa se torne possível. Os critérios, no entanto, se diferem”. Como bem observa a autora, no Jornalismo são relevância, validade e compreensão. O que é relevante para o Jornalismo pode não ser para a ciência. Dentro desse contexto, afirma que o Jornalismo é um conhecimento híbrido, aproximado.

Conhecimento aproximado tão caro a Bachelard (2004), para quem o conhecimento sempre será um ato inacabado. O ato de conhecer nunca é pleno. Sempre trabalhamos com aproximações. É, de certa forma, o que ocorre no Jornalismo, procuramos nos aproximar dos fatos em busca da verdade do acontecimento. E, isso só é possível com um método, com a investigação jornalística. Bachelard (2004, p. 273) fala em verificação aproximada:

A verificação é, em todos os níveis, o instante decisivo do conhecimento da realidade. Não é uma informação posterior, suplementar, que vem consagrar uma certeza; é um elemento da representação, é até o seu elemento orgânico; ou seja, pela verificação é que a “apresentação” torna-se uma “representação”. O mundo é a “minha verificação”, é feito de idéias verificadas, em oposição ao espírito, que é feito de idéias e tentativas. Ou em outras palavras, nossa única definição possível do Real tem que ser feita na linguagem da Verificação. Sob essa forma, a definição do Real nunca será perfeita, nunca será concluída. Mas será tanto melhor quanto mais diversas e minuciosas forem as verificações (BACHELARD, 2004, p. 273).

As perspectivas apontadas, essa breve passagem por Bachelard (2004), são caminhos que apropriados com rigor podem contribuir para procurarmos entender o conhecimento do Jornalismo. No entanto, é na obra de Paulo Freire que identificamos o caminho mais profícuo para tentarmos compreender e procurar definir o conhecimento do Jornalismo. Com base no autor podemos propor para o Jornalismo um “conhecimento do desvelamento”. Um conhecimento que tira o véu que cobre a realidade procurando mostrar as suas múltiplas faces procurando contribuir para que homens e mulheres tenham um forte instrumento para compreender o mundo que os cerca.

Como esse conhecimento opera? Freire pode ajudar-nos para tentar explicar esse processo. Consideramos que ele funciona ao longo de todo o processo de produção da notícia desde a apuração até chegar à audiência comunicativa, num processo circular, numa semiose infinita.

O contexto teórico do conhecimento do Jornalismo é o contexto da *práxis*. O jornalismo precisa “molhar-se” pela realidade. Ou seja, não há contexto teórico verdadeiro a não ser na união dialética com a prática, com o contexto concreto. No contexto teórico buscamos “tomar distância” dos fatos; no prático, no concreto, somos sujeitos e objetos em relação ao objeto (FREIRE, 1987).

Por isso, como alerta Freire (1987) - e é importante nas práticas sociais do jornalismo -, precisamos ir além da mera captação dos fatos, buscando não só a

interdependência entre eles, mas também o que há entre as parcialidades constitutivas da totalidade de cada um. Nesse sentido, o jornalismo necessita estabelecer uma vigilância constante sobre a sua própria atividade.

Ainda dentro da perspectiva de Freire (1997) consideramos que a comparação que o autor faz entre a ingenuidade e a criticidade pode contribuir para entendermos o Conhecimento do Jornalismo - que trata dos acontecimentos do mundo, dos diversos saberes, dos campos da experiência e do cotidiano. O autor esclarece que não há diferença e nem distância entre a ingenuidade e a criticidade. Para Freire, entre o saber da pura experiência e dos procedimentos metodicamente rigorosos ocorre uma superação.

Freire (1997) argumenta que não acontece uma ruptura porque a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, continuando a ser curiosidade, se critica. Continuando a explicação diz que, ao criticizar-se, tornando-se curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão. A curiosidade metodicamente rigorosa do método cognoscível se torna curiosidade epistemológica, mudando de qualidade, mas não na essência.

É dentro desse quadro que opera o conhecimento do jornalismo. Na produção da notícia o jornalista trabalha constantemente dentro dessa perspectiva de superação. Não é permitido ao jornalista que seja ingênuo na cobertura dos fatos. A tomada de consciência (FREIRE, 2003) é o ponto de partida da sua atividade. Como é possível dar conta da cobertura dos acontecimentos, da mediação entre eles e a sociedade, se antes de construir a informação não conheço o objeto? É tomando consciência dele que me dou conta do objeto, que é conhecido por mim.

A eficácia da atividade jornalística e o Conhecimento do Jornalismo estão intimamente ligados ao que Freire (1995) colocava como a capacidade de abrir a “alma” da cultura, de aprender a racionalidade da experiência por meio de caminhos múltiplos, deixando-se “molhar, ensopar” das águas culturais e históricas dos indivíduos envolvidos na experiência. Desvelar a realidade. É dimensão crítica do conhecimento jornalístico, numa imbricação entre teoria e prática.

Considerações finais

Dentro deste contexto atual, em que as audiências comunicativas (SAPERAS, 2000) desempenham um papel cada vez mais ativo nos meios de comunicação, especialmente na televisão, os jornalistas precisam ter, cada vez mais, compromisso com a

construção de uma tomada de consciência crítica (FREIRE, 2003) nas pessoas sobre a realidade e, ao mesmo tempo, com a desconstrução das violências simbólicas impostas como barreiras ideológicas para excluir a participação dos cidadãos que se situam na periferia da estrutura de poder.

As implicações de poder na sociedade das tecnologias midiáticas acarretam, segundo a concepção interacionista simbólica (RÜDIGER, 2011), uma relação dialética entre comunicação e poder, uma vez que a comunicação é regida pelo princípio da maximização do conhecimento, pois tende a ser aberta, já que os sujeitos têm a capacidade de se comunicar no sentido cognitivo, que se constitui no fundamento da autodeterminação. O poder, por sua vez, se rege pelo princípio da violência simbólica, que emprega os símbolos com o objetivo político de dominação, na medida em que esse emprego não se baseia em razões comunicativamente mediadas, mas na utilização das formas mecânicas de ritualização existentes na sociedade.

Desta maneira, as inovações tecnológicas na área da comunicação tornaram-se instrumentos que se prestam à manutenção das relações de poder e da ignorância, constituindo-se no principal meio de exercício da violência simbólica na sociedade. Porém, por outro lado, ensinaram, também, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da capacidade comunicativa e do potencial de autodeterminação dos cidadãos, por representar uma condição de possibilidade do conhecimento do mundo.

Assim, os sistemas de mídia não podem ser entendidos de maneira neutra, como se fossem simples aparatos tecnológicos, pois, efetivamente, empreendem uma ritualização técnica da comunicação na sociedade. Por isso, acreditamos que os profissionais desse campo jamais podem trabalhar com seus conteúdos sob a perspectiva da simples e sumária suspensão da dúvida, em uma perspectiva de atitude natural, pois a contribuição dos coprodutores deve passar por um rigoroso controle de apuração dos fatos antes de qualquer exibição, mesmo tendo-se a consciência falibilista que o conhecimento completo jamais será possível.

É preciso ter consciência que o telejornalismo ainda ocupa (e acreditamos que continuará ocupando) um lugar de referência na vida dos homens e das mulheres, apesar do avanço da internet e do celular como meio de difusão de conteúdos jornalísticos. Isso só faz reforçar a responsabilidade dos jornalistas televisivos diante da tarefa de produção das notícias. Um ofício que envolve a reconstrução da realidade deve se comprometer em tornar o mundo cada vez mais compreensível aos cidadãos, que, assim, poderão gradativamente

vir a tê-lo, responsabilmente, como um produto de sua autoria, pois mais de acordo com o seu próprio discernimento.

Referências

CEA. **Market Research Analysis Brief**. Disponível em: http://www.cesweb.org/shared_files/ECD-TOC/CEACordCuttingAnalysis.pdf. Acesso em: 01 mai. 2012

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **Modelos de televisión: generalista, temática y convergente con Internet**. Barcelona, Paidós, 2004.

CORREIA, João Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

ESTADÃO. **Foto de Bin Laden morto é falsa**. Acesso em: Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/radar-global/foto-de-bin-laden-morto-e-falsa/>. Acesso em: 3 mai. 2012.

FREIRE, P. **Ação cultura para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Cartas a Cristina**. Bauru: Unesp, 2003.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do Jornalismo**. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987.

GOMIS, L. **Teoría del periodismo: cómo se forma el presente**. México: Paidós, 1991.

IBGE. **Pesquisa Nacional por amostras de domicílios: sínteses de indicadores – 2009**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; IORIO, Fabio Mario; VIEIRA, João Pedro Dias (orgs.). **Horizontes do jornalismo**: formação superior, perspectivas teóricas e novas práticas profissionais. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.

LUHMANN, N. **Confianza**. Santiago do Chile: Anthropos, 2005.

MATELSKI, Marilyn. **Ética en los informativos de televisión**. Madrid: Focal Press, 1992.

MEDITSCH, E. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: EDUFSC, 1992.

MELUCCI, A. **A invenção do presente**: movimento sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

PARK, R. **A notícia como forma de conhecimento**: um capítulo da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Orgs). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da Imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SAPERAS, Enric. **Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas**. Lisboa: Edições Asa, 2000.

STEINBERG, C. (org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PÉREZ DE SILVA, Javier. **La televisión ha muerto**: la nueva producción audiovisual en la era de Internet: la tercera revolución industrial. Barcelona: Gedisa editorial, 2002.

SÁDABA, Teresa. **Framing**: el encuadre de las noticias: el binômio terrorismo-medios. Buenos Aires: La Crujía, 2007.

SPONHOLZ, L. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: além dos espelhos e das construções**. Florianópolis : Editora Insular, 2009.

VIZEU, Alfredo; SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. **O telejornalismo**: o lugar de referência e a revolução das fontes. In: 7º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2009, São Paulo. A pesquisa em jornalismo em um mundo em transformação. São Paulo: Sbpjor, 2009.

_____. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.